



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

WANDISLÉIA LINDALVA DA SILVA

**MÃES SOLO: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DA COMUNIDADE SALINAS EM SANTA CRUZ DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XX, AO INÍCIO DO SÉCULO XXI.**

PICOS – PI

2021

WANDISLÉIA LINDALVA DA SILVA

**MÃES SOLO:** A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DA COMUNIDADE SALINAS EM SANTA CRUZ DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XX, AO INÍCIO DO SÉCULO XXI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientação: Professora Dra. Olívia Candeia Lima Rocha

PICOS – PI

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**S586m** Silva, Wandisléia Lindalva da

Mães solo: a experiência de mulheres da Comunidade Salinas em Santa Cruz do Piauí no final do século XX ao início do século XXI / Wandisléia Lindalva da Silva – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientadora: Dra. Olívia Candeia Lima Rocha”

1. Mulheres-história. 2. Mãe. 3. Maternidade solo. 4. Casamento-Separação. I. Rocha, Olívia Candeia Lima. II. Título

CDD 305.4

*Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE 001510/O*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros Coordenação  
do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí Fone:  
(89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e oito (28) dias do mês de janeiro de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **WANDISLÉIA LINDALVA DA SILVA** sob o título **MÃES SOLO: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DA COMUNIDADE SALINAS EM SANTA CRUZ DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XX, AO INÍCIO DO SÉCULO XXI.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientadora: Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha Examinador 1:  
Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos Examinadora 2: Profa.  
Ma. Rannyelle Rocha Teixeira

Deliberou pela **aprovação** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **9,0 (nove)**.

Picos (PI), 28 de janeiro de 2021.

Orientador (a):

*Olívia C L Rocha*

Examinador (a) 1:

*Raimundo Nonato Lima dos Santos*

Examinador (a) 2:

*Rannyelle Rocha Teixeira*

Ao meu Deus de milagres.

E a toda a minha família. Em especial a minha amada mãe, ao meu querido pai, e ao meu estimado irmão.

## AGRADECIMENTOS

Durante toda a nossa vida, dificuldades, tristezas, alegrias e múltiplos sentimentos são vivenciados. Com a trajetória da graduação não é diferente, e por esse motivo, e por todos os aprendizados que tirei nesse período agradeço grandemente a todas as pessoas que ao longo desse percurso cheio de adversidades encontrei.

Agradeço em primeiro lugar, ao nosso pai todo poderoso, que durante toda a minha vida tens me sustentado. Durante os dias difíceis, foi Ele quem me ajudou e me deu forças para seguir. É imensa a gratidão que sinto a Deus, por tudo, inclusive à minha existência e de todas as pessoas que eu amo. Sem ele, nada disso seria possível, a sua proteção divina me faz seguir por caminhos que jamais pensei ser capaz de trilhar. Por essa e por todas as coisas te agradeço Deus. Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.

É quase impossível, citar o nome de todas as pessoas que me ajudaram nesse período da graduação. Mas em especial e com todo o meu coração, eu agradeço a minha família, pessoas que foram importantes e essenciais para além da graduação, mas para a minha vida.

Em especial à mulher mais importante da minha vida, que está sempre ao meu lado, me ajudando e me dando forças para enfrentar as dificuldades que ao longo do caminho encontrei. Por ser tão presente em minha vida, por ser exemplo em todas as coisas, no caráter, no bom coração e na mulher maravilhosa que é Mãinha, eu só te agradeço por ser tanto em minha vida.

Ao meu amado pai, eu agradeço por me ensinar que desde pequena eu tenho que persistir pelos meus sonhos. Por todas as vezes que se preocupou com o meu bem-estar, e me disse palavras confortantes que eu precisava ouvir para seguir em frente, por ser o melhor pai do mundo, sempre em busca do melhor pra nossa família, eu te agradeço paiinho.

Deus realmente trabalha em nossas vidas de maneira incrível, tenho apenas um irmão, mas esse Ele fez especialmente pra mim. Agradeço a Deus por ter me dado Wanderson como meu irmão. Mãe sempre dizia que o filho mais novo se espelha no mais velho, e por implicância eu sempre neguei que queria ser pelo menos parecida com meu irmão.

Mas hoje eu posso afirmar com todas as palavras, e sem segurar as lágrimas, que eu realmente me espelho nele, e que queria ser pelo menos um terço da pessoa que ele é. Agradeço por sempre brigar comigo quando acho que estou com razão, mas toda errada. Por todas as vezes que se preocupou com a minha saúde, com os meus estudos, e por sempre me apoiar nos meus projetos de vida. Irmão eu te agradeço por você existir e ser tão disposto a me ajudar sempre.

Será sempre eu por vocês, e vocês por mim, amo sem medidas a família que Deus me deu.

À minha família Posse e a minha família Braz, eu sou eternamente grata por toda a compreensão e paciência que tiveram durante todo esse período, e principalmente nessa reta final da escrita do TCC. Obrigada em especial, as minhas primas que me entenderam quando não pude confraternizar com elas por estar ocupada, fazendo os ajustes necessários para que a entrega desse estudo, fosse feita nos dias marcados. Obrigada por não desistirem de mim, embora vocês não tenham outra alternativa.

Não citarei nomes, para não me tornar injusta com muitas pessoas que me ajudaram e que por ventura eu poderia esquecer de citar, mas a minha gratidão se estende até aqueles que desapareceram de minha vida, por não suportar minha ausência, devido as minhas responsabilidades acadêmicas. E a todos aqueles que por menor que tenha sido a ajuda, eu só posso agradecer.

Agradeço também as minhas depoentes, por toda a disponibilidade em me receber em suas casas, e me revelarem informações que diziam respeito ao íntimo, mas nem por isso deixaram de me ajudar. Muito agradecida eu sou a “Dona Rosa” e a “Bárbara”.

E agradeço também a professora, e orientadora Olivia Candeia, que foi fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa. Obrigada, professora por a sua disponibilidade de sempre, e por todos os conselhos e dicas que me deu desde o início desse estudo até aqui.

Gratidão !

Sabe-se hoje que o perfil do cenário familiar, ao contrário do quadro ruidoso e sensual de Casa-grande & senzala, pintado por Gilberto Freyre, era prosaicamente nuclear, sobretudo, nas capitanias do sudeste da Colônia. Conhecem-se também alguma de suas características: muitos maridos ausentes, companheiros ambulantes, mulheres chefiando seus lares e crianças circulando entre outras casas e sendo criadas por comadres, vizinhas e familiares.

Mary Del Priore.

## RESUMO

Esse trabalho analisa as concepções de casamento, separação e maternidade, através de entrevistas realizadas com duas mulheres de Santa Cruz do Piauí, durante o fim do século XX, e início do século XXI. Destacamos que o papel da mulher, dentro dessas instituições, foi por muito tempo definido tanto pelo estado, quanto pela igreja. A presente pesquisa utiliza fontes orais, dados do IBGE, e do IPEA. Para organizar e analisar as fontes, serão utilizados os teóricos, Portelli (1997), Del Priore (2009), Pinsky (2013), Koselleck (2006), Saffioti (2004), dentre outros. A pesquisa apontou as adversidades vivenciadas por nossas duas depoentes, durante o período em que tiveram a experiência com o casamento, a maternidade e por fim a separação. E conseqüentemente, em relação a essa última vivencia, a criação e educação dos filhos com a ausência dos pais, trouxeram-lhe novas perspectivas e conhecimentos, anteriormente não acessível a elas.

**Palavras-chave:** História das mulheres. Mãe. Maternidade solo. Casamento. Separação.

## **ABSTRACT**

This work analyzes the conceptions of marriage, separation and motherhood, through interviews with two women from Santa Cruz do Piauí, during the end of the 20th century, and the beginning of the 21st century. We emphasize that the role of women within these institutions has long been defined by both the state and the church. This research uses oral sources, data from IBGE, and IPEA. Theorists will be used to organize and analyze the sources, Portelli (1997), Del Priore (2009), Pinsky (2013), Koselleck (2006), Saffioti (2004), among others. The research pointed out the adversities experienced by our two interviewees, during the period when they had the experience with marriage, motherhood and finally the separation. And consequently, in relation to this last experience, the creation and education of children with the absence of parents, brought them new perspectives and knowledge, previously not accessible to them.

**Keywords:**History of women. Mother. Solo maternity. Marriage. Separation.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PI – Piauí

FPA – Fundação Perseu Abramo

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1. “ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE”: O CASAMENTO COMO UM CONTRATO DE COMPORTAMENTO SOCIAL ENTRE HOMENS E MULHERES.</b> .....	<b>19</b>
1.1. Somos o que escolhemos lembrar.....	22
1.2. Violência como instrumento de subjugação: as várias artimanhas de um agressor.....	28
1.3. As mulheres na chefia do lar: a independência financeira através do ofício da costura.....	30
1.4. Juventude e diversão: o controle dos corpos femininos através dos padrões de comportamento social.....	33
<b>2. EDUCADAS PARA SERVIR: A CONSTRUÇÃO SOCIAL ACERCA DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE</b> .....	<b>37</b>
2.1. Mães presentes e pais ausentes.....	41
2.2. Maternidade não é um estado civil.....	46
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>4. FONTES E REFERÊNCIAS:</b> .....	<b>51</b>
<b>5. ANEXOS</b> .....	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir de uma inquietação pessoal, vivenciada desde muito jovem, por ter no âmago familiar exemplos de mulheres que por decorrência do destino e de vários outros fatores, tiveram que enfrentar a criação de seus filhos sozinhas. Essa inquietação, faz e fez ainda mais sentido após ingressar no curso de História, e principalmente cursar a disciplina de Gênero, e ter conhecimento de que muitos comentários tecidos sobre a vida dessas mulheres, especificamente abordado nesse trabalho sobre a maternidade, eram resultado de um sistema no qual estamos inseridos, e não da consequência de uma “maternidade ilegítima” pois era assim reconhecido durante o período colonial segundo a autora Mary Del Priore em sua obra *Ao sul do Corpo*.

O recorte espacial dessa pesquisa, enfoca a comunidade Salinas, município de Santa Cruz do Piauí, uma cidade interiorana do estado do Piauí. O povoado Salinas foi escolhido para a realização desse estudo, com o intuito de conceder visibilidade ao local, e também por a viabilidade que nós tínhamos em realizar a pesquisa, uma vez que se trata da nossa região.

A análise é realizada através de entrevistas concedidas por duas mulheres, residentes da Salinas. As depoentes são mulheres/mães nas quais nós já tínhamos algum tipo de contato e que mesmo superficialmente, já havia um conhecimento prévio de suas trajetórias como mães solo. O estudo é realizado através das experiências das entrevistadas com a maternidade, casamento e separação, e tem como recorte temporal o final do século XX, e início do século XXI.

A realidade da mãe solo, mantenedora do lar, tornou-se um cenário recorrente entre a sociedade brasileira. Segundo dados pesquisados no IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística), o aumento do número de mulheres chefiando famílias, independente de raça, classe econômica ou territorialidade subiu de 22,2% no ano 2000, para 37,3% em 2010. São números significativos que formam um quadro com um leque diverso de possibilidades para perceber as razões pelas quais essas mulheres chefiam seus lares, com seus filhos e sem os cônjuges.

Baseado nessa pesquisa realizada pelo IBGE, o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) desenvolveu um quadro que mostra em números por extenso o crescimento do número de mulheres chefes de família no Brasil. A pesquisa teve

como objeto de estudo, mulheres segundo cor/raça, de zona urbana e rural das regiões do Brasil entre os anos de 1995 a 2015. Os números mostram que entre os anos analisados, o aumento foi de cinco milhões, trezentos e trinta e cinco mil e cento e sete mulheres vivendo como chefe de família, e através desses números referindo-se a região Nordeste do Brasil podemos destacar que o aumento é bem significativo.

Esses números englobam tanto mulheres, que por diversos motivos terminaram seus relacionamentos e assumiram a chefia da casa, como também mulheres que nem se quer chegaram a ter a vivência de um, mulheres que ficaram viúvas precocemente, entre vários outros fatores que influenciam nesse aumento.

Analisando que nem todas as mulheres que chefiam seus lares são separadas ou viúvas, o artigo publicado no jornal *Estado de Minas*, intitulado *Quase metade dos lares brasileiros são sustentados por mulheres* afirma que esses números que crescem ano após ano se dá também por o aumento de mulheres inseridas no mercado de trabalho. O que implica na autonomia econômica das mesmas.

Nesse estudo será desconstruído alguns conceitos como o mãe-solteira, disseminado pela sociedade e analisaremos o quão os padrões patriarcais influenciam nesse processo. E levantar também a discussão do casamento e da separação sob a ótica das depoentes, para compreendermos através das suas experiências de que modo elas começaram a chefiar suas famílias, se partiu de um desejo próprio, ou se houveram adversidades que implicaram no fim dos seus relacionamentos.

Um dos maiores enfoques desta pesquisa, é analisar a mulher mãe, que se encontra em uma situação de julgamento da sociedade por estar transgredindo uma norma do sistema patriarcal, que é ser mulher, boa esposa, mãe bondosa, dona de casa ideal como cita Carla Bassanezi Pinsky no livro *Nova história das mulheres no Brasil*, no capítulo *A era dos modelos rígidos*. De certa forma esses padrões estão sendo cada vez mais discutidos e desconstruídos, mas de todo modo o período em que as nossas entrevistadas tiveram experiência com essa conjuntura ainda havia uma tradicionalidade no perfil das famílias brasileiras.

Carla Bassanezi Pinsky ainda frisa no texto *A era dos modelos flexíveis* que essa tradição dentro das famílias após os anos rebeldes, passou a ser

reconsiderada, situações que refletem ainda com maior frequência na contemporaneidade.

Quando a geração anterior se casou, o matrimônio era para toda a vida e, ainda que houvesse o que chamavam de “companheirismo” entre marido e esposa, ocorria em uma relação desigual em que existia uma hierarquia. Já os jovens de classe média dos Anos Rebeldes, em especial nos meios mais cultos, procuraram criar laços igualitários, que pudessem ser, para ambos os cônjuges, fonte de “realização pessoal” e “crescimento individual”. “Companheirismo”, então, envolveria compreensão mútua em uma relação de responsabilidades compartilhadas. Para a mulher, não haveria mais a exigência de tolerar as infidelidades masculinas e as necessidades sexuais de ambos os parceiros seriam consideradas. (PINSKY, 2013, p. 523-524)

A vivência das nossas entrevistadas irá contribuir para analisarmos se esses modelos citados por Carla Bassanezi ainda prevalecem, ou se estão sendo cada vez mais desconstruídos. Será utilizado para a construção desse trabalho, uma nova categoria de análise, que por muito esteve vinculada apenas a gramática para definir ou caracterizar sexos opostos.

Nessa perspectiva de trabalhar o termo gênero, não mais, como um conectivo gramatical e sim como uma vasta possibilidade de se analisar a historiografia por meio dos lugares de poder que esse termo carrega consigo, iremos trazer duas obras da autora Elizangela Barbosa Cardoso, intitulada *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)* e *Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI* que contribuem com o debate de gênero, que iremos utilizar, para analisar os relatos das mulheres que serão entrevistadas para a realização desse estudo.

O conceito de gênero não trabalha apenas com a figura feminina. Mas na sua essência foi utilizada para falar sobre a mulher, e principalmente nas questões que as inserem como agentes transformadores da história, visão que foi distorcida/esquecida por muito tempo. Pois as lutas feministas que estavam sendo disseminadas no final do século XIX, e início do século XX, abriam lacunas e deixavam a dúvida do que realmente era proposto por as suas militâncias.

A partir de então, é que surge as concepções de gênero, para que houvesse uma compreensão desse conjunto. Com essa narrativa é inserida na historiografia, novos sujeitos, novas perspectivas de se analisar determinados períodos, onde

personagens como a mulher não estava sendo trabalhado. Oprimir, silenciar era a lei para todas aquelas que participavam da história, mas que não tinham autonomia e nem espaço para se posicionarem perante os acontecimentos e diante a sociedade.

Nesse sentido a historiadora Michelle Perrot destaca em sua obra *Escrever uma história das mulheres* que esse debate precisa ser elevado, para que a construção da história das mulheres seja priorizada na historiografia. E discorre sobre o assunto afirmando que:

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. (PERROT, 1995, p. 9)

O fragmento acima expõe uma indagação pertencente a nós, pois buscamos dar voz e vez as nossas depoentes, para analisarmos a conjuntura social em que a mulher, mãe-solo está inserida. Perrot (1995) ainda acrescenta que escrever uma história das mulheres, é relevante para compreendermos que durante muitos anos a historiografia foi voltada aos estudos que diziam respeito aos homens, aos seus feitos, e ainda eram escritos por eles.

Dessa forma, a importância em inserir a mulher na historiografia, realizando estudos que envolvam a realidade em que vivem, é de extrema importância. Até mesmo para tomarmos conhecimento dos nossos antepassados, de nossas lutas e mostrar sobretudo a capacidade feminina em realizar tarefas que anteriormente eram destinadas aos homens, como cargos de chefia, chefiando os lares e também escrevendo sua própria história.

A metodologia utilizada para a elaboração dessa análise será a História Oral. Elaboramos um roteiro de entrevista que elenca os nossos principais anseios a serem discutidos nessa pesquisa, como: Quais eram as normas e padrões culturais para o sexo feminino na época? Como conheceram e como era o relacionamento do casal, antes e depois da maternidade? Havia preconceitos por serem mulheres separadas e mães solo? A juventude foi interrompida com as responsabilidades que a gravidez trouxe? A gravidez era algo desejado? Houveram adversidades no processo de maternidade, da gravidez a criação?

Para obter tais respostas escolhemos duas mulheres, “Dona Rosa e Bárbara”, que se alinhavam as nossas indagações, e que vivenciaram a maternidade, casamento e a separação. E como citamos anteriormente as depoentes são mulheres que indiretamente tínhamos conhecimento de sua trajetória de vida e por tal motivo buscamos suas contribuições para dar sentido aos conceitos e temas abordados no nosso trabalho.

O nosso estudo será qualitativo por dois motivos. O primeiro, por ter sido desenvolvido em um contexto de pandemia causado pelo Covid-19, e por esse motivo ter nos limitado em relação as entrevistas. E o segundo, se refere a distância atual de mulheres da comunidade Salinas, que tiveram essas experiências enquanto jovens e residentes da localidade, mas que partiram para estados distantes e por esse motivo não haver a disponibilidade para efetuar as entrevistas. Dessa forma, destacamos que o número de entrevistadas não é grande, porém a utilização dos relatos das nossas duas depoentes, nos dá a possibilidade de compreender e trazer detalhes que agreguem ao estudo e ao conhecimento do caso.

Preliminarmente, ressaltamos que os nomes atribuídos as nossas entrevistadas, são nomes fictícios, pois compreendemos que esses assuntos se tratam de história de vida, que revelam o íntimo dessas mulheres. E também por elas mesmas nos confessarem que se sentiam desconfortáveis em saber que esse trabalho seria lido e apresentado ao público, e que possivelmente poderiam ser reconhecidas nessas entre linhas. Portanto, para preservar a intimidade e a segurança de nossas entrevistadas, nós decidimos chama-las de “Bárbara” e “Dona Rosa.”

Para compreender e averiguar a multiplicidade que envolve a memória individual e coletiva das nossas entrevistadas, utilizaremos o debate que o autor Michel Pollak utiliza em sua obra *Memória e identidade social* para elucidar um dos objetivos desse estudo. Que é identificar nas experiências que serão reveladas e/o ocultadas nas entrevistas os (dis) sabores da maternidade, bem como analisar a fala das depoentes sobre casamento e separação.

Buscando conhecimento acerca do assunto história oral, as obras *História oral e poder* e *O que faz a História oral diferente* do historiador Alessandro Portelli, foram essenciais para que a construção do nosso roteiro de entrevista ganhasse forma, e para que os relatos disponibilizados pelas nossas depoentes fossem analisados com mais delicadeza e minúcia.

Em ambos os trabalhos, Alessandro Portelli destaca a importância de utilizar as fontes orais, pois nem todos as pesquisas contém aquilo que de mais precioso encontramos nos seres humanos, que é a humanidade, a sensibilidade que cada um tem dentro de si, e que é deixado transparecer durante as entrevistas que realizamos que dizem respeito em grande medida ao papel da mulher na maternidade, casamento e separação.

Na contemporaneidade é comum nos depararmos com o a narrativa de uma maternidade romantizada, repleta de realizações, como um dos momentos mais satisfatórios da vida de uma mulher. Determinando exclusivamente a elas a capacidade de proteger e cuidar, abdicando de seus próprios desejos para viver em função de seus filhos, justamente por ter a competência feminina de concepção. A autora Valeska Zanello em seu livro *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* aponta:

Foram características associadas culturalmente às mulheres pela identificação destas ao corpo e à capacidade de procriação. A subordinação das mulheres passaria assim mediante sua identificação total entre corpo (capacidade de procriar) e função (maternar). (ZANELLO, 2018, p. 143)

Não nos referimos nesse momento a todas as mulheres como pertencentes a um único grupo, pois a maternidade é vista por algumas mulheres como um dos objetivos de vida a serem alcançados, porém em contrapartida há muitas outras que não desejam ser mães. Essa natureza de cuidar e proteger incondicionalmente seus filhos atribuída às mulheres, como um auge da realização feminina é algo muito questionado no clássico *O Segundo Sexo* de Simone De Beauvoir.

A perigosa falsidade dos dois preconceitos geralmente admitidos decorre claramente da descrição que acabamos de fazer. O primeiro consiste em imaginar que a maternidade basta, em qualquer caso, para satisfazer uma mulher: não é verdade. Há muitas mulheres que são infelizes, azedas, insatisfeitas. O exemplo de Sofia Tolstoi, que teve doze partos, é significativo; não para de repetir em seu diário que tudo lhe parece inútil e vazio no mundo e em si mesma. (BEAUVOIR, 1967, p. 289)

É importante perceber que na sua obra *O segundo sexo*, Simone De Beauvoir destaca que o contentamento/desejo de ser mãe, não parte de todas as mulheres como um plano em suas vidas. Que há mulheres que não desejam, e há aquelas

que são mães e vivem infelizes como é o caso da mulher citada no fragmento acima. Mas é interessante ressaltar, que o que percebemos na realização de uma mãe, não inclui o processo que envolve a trajetória de uma gestação, as dificuldades encontradas nesse período, como a solidão em alguns casos, a pressão psicológica que é um dos casos de nossas entrevistadas, sendo esses acontecimentos no contexto de uma mãe solo ou não.

Iremos analisar as noções de juventude relacionadas às mulheres do século XX e XXI, através do texto *Diferenças, igualdade dos organizadores José Szwako e Heloisa Buarque de Almeida* e da tese *Jovens pais e jovens mães: experiências em camadas populares da assistente social Vânia Teresa Reis*. Para indagar quais aspectos destacados nesses textos, se fazia presente na realidade das nossas depoentes, e quais as definições atribuídas ao termo juventude.

O conceito de experiência nesse trabalho será analisado a partir do autor Reinhart Koselleck em seu livro *Futuro passado*, que faz uma minuciosa relação entre a experiência, e a expectativa, sendo que estas se beneficiam uma da outra, em determinados momentos da vida, mas tornam-se complexas por se tratarem de duas categorias distintas, e dependem muito do tempo. Segundo o autor Reinhart Koselleck:

Quem acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência, está errado. Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição. Mas quem não baseia suas expectativas na experiência também se equivoca. (KOSELLECK, 2006, p. 312)

Aplicando essa análise ao nosso trabalho, as experiências das mulheres entrevistadas e protagonistas desse mesmo, serão observadas através dos sentimentos de alegria, tristeza, sofrimento, ganhas e perdas que ao longo desse período tão delicado que é o ser mãe lhe ocorreu. Tentando recordar das experiências que tiveram e se essa mesma lhe serviu para alimentar as expectativas do que deveriam ou não construir em seu futuro planejado através dos acertos e erros que serão abordados aqui, através das memórias recordadas pelas depoentes.

Será possível nesse trabalho rememorar uma gama de sentimentos, sensações e significados, que foram agregados a experiência dessas mulheres entrevistadas, que atualmente, após um longo período do processo de maternidade,

casamento e separação, foi possível perceber que muito do que foi vivenciado por elas, é compreendido hoje, de uma forma completamente distinta do que aconteceu.

O novo olhar que as mães solo lançam em suas experiências anteriores, diz muito das expectativas criadas por elas, para o seu futuro. Como exemplo, é projetada nas experiências dessas mães, aquilo que elas querem ou não viver novamente, os sentimentos se divergem de acordo com o antes e o depois dos acontecimentos.

O capítulo “Até que a morte os separe”: o casamento como um contrato de comportamento social entre homens e mulheres. Será utilizado para trabalhar a dinâmica do casamento e da separação, apresentar as memórias das nossas depoentes, explicar a inserção da mulher no mercado de trabalho, trazer o debate sobre violência e infidelidade e explorar os conceitos de juventude para finalizar o capítulo, no intuito de explicar as mudanças do comportamento e das regras que eram direcionadas as mulheres no século XX.

No capítulo intitulado *Educadas para servir: a construção social acerca do papel da mulher na sociedade*, será utilizado para desenvolver um diálogo sobre as perspectivas de mulheres – mães no século XX, relacionando as experiências e expectativas de “Dona Rosa” e “Bárbara” sob esse universo materno. Destacando a ausência dos pais no processo de criação dos filhos, após a separação com nossas depoentes. Será frisado também a desconstrução do termo “mãe solteira”, através de artigos de revistas encontrados, que dialogam com essa problemática.

## 1. “ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE”: O CASAMENTO COMO UM CONTRATO DE COMPORTAMENTO SOCIAL ENTRE HOMENS E MULHERES.

Uma das criações mais antigas que perpetuam até a contemporaneidade com algumas modificações e evoluções que sofreram ao longo do tempo, é o casamento. Desde as civilizações hebraicas, onde o casamento era realizado entre jovens, com a determinação dos pais, até o século XX, em que a psicóloga Figueiredo (2013) considera ser a Era do Amor, em consequência da Primeira Guerra Mundial onde estabelecia-se uma indecisão se os parceiros estariam vivos no dia seguinte, ou não por conta dos conflitos.

A partir dessas questões podemos analisar essa instituição como um acordo estabelecido pelo próprio homem, para garantir as estruturas vigentes na sociedade. Por um exemplo citaremos o casamento na Antiguidade Romana, que era instituído para a prevalência dos bens materiais, e da perpetuação das descendências e de sobrenomes importantes da época. Em contrapartida reconhecemos a religião como uma manutenção dessa continuidade estabelecida pelo casamento.

No século IX, a Igreja passou a ser mais atuante e estabeleceu normas a respeito do casamento, como a de que o ato carnal não deveria visar o prazer, mas a procriação, e a de que a esposa não poderia ser repudiada, salvo por adultério. Estas normas mostram a função reprodutora do casamento e reafirmam a importância da fidelidade feminina ao longo da história. (FIGUEIREDO, 2013, p. 11)

O objetivo de procriação, instituído no casamento pela Igreja do século IX, perdura até a contemporaneidade, bem menos do que nos séculos passados. Um dos interesses do matrimônio é a constituição de uma família, que zele dos costumes e deveres principalmente da mulher como boa esposa, e do homem como mantenedor da casa, dos filhos e da sua parceira. Reafirmando essa afirmação, o artigo 233 do Código Civil de 1916 presumia que o marido é legalmente o chefe da família, e acrescenta ainda no artigo 242 que a mulher necessita da autorização do seu cônjuge para muitas tarefas civis, como trabalhar e negociar bens materiais.

Dessa maneira, podemos compreender que no século XX homens e mulheres tinham direitos e deveres demarcados, onde um se sobrepõe ao outro, com uma inferioridade designada e naturalizada por a sociedade brasileira. Carla BassaneziPinsky, frisa em seu texto *A era dos modelos rígidos*, que envolve esse

contexto da participação da mulher no casamento, como mães e como mulheres do século XX, que:

A “companheira perfeita” é fiel até em pensamento. Cumpre com a boa vontade, mas sem arroubos, seus “deveres conjugais” e fecha os olhos para as infidelidades do marido, algo plenamente justificável por conta da natureza que conduz os homens a poligamia. Se demonstra ciúmes, levanta suspeita, questiona ou reclama, a mulher corre risco de ser abandonada – o pior que pode lhe acontecer. (PINSKY, 2013, p. 489)

A infidelidade citada por Carla Bassanezi, é um dos enfrentamentos que a nossa depoente “Dona Rosa” encarou durante o seu relacionamento. Percebe-se através desse trecho, que a infidelidade feminina não era aceita por haver a necessidade de reafirmar que aquela era uma “boa esposa”, porém o papel do homem, já não era visto da mesma forma, pois a traição masculina poderia facilmente ser relevada, para que a preservação da família fosse preexistente.

Tendo em vista esses padrões direcionados a mulher no contexto de um casamento frutuoso, um dos elementos que deveriam ser considerados como fundamentais para a realização deste, era a virgindade feminina. A moça ideal para se casar, deveria sem dúvidas ser virgem, pois esse era o cuidado que todos os pais deveriam ter com suas filhas, para que elas não ficassem “mal faladas” e conseqüentemente não conseguissem se casar para continuação da família. No texto *Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI* da historiadora Elizangela Barbosa Cardoso, ela aponta o que deveria acontecer, caso as moças tivessem contato com a vida sexual antes do casamento.

Como a honra da família dependia da manutenção da honra feminina, em casos de iniciação sexual fora do casamento, procurava-se realizá-lo para que o *erro* fosse reparado, o que implicava apagar o *mau passo*, uma vez que a casada não tinha passado. O valor atribuído ao casamento e aos homens possibilitava que o passado da casada fosse elidido. Quando não se realizava o casamento, o *mau passo* era silenciado, tornando-se assunto proibido (SANTANA, 2007). Havia uma ação deliberada da família para que seu acontecimento fosse esquecido. Buscava-se neutralizar o ocorrido, para que o *mau passo* de uma filha não manchasse a família e as outras mulheres do núcleo familiar. A honra era, assim, um valor preservado pelo silêncio das práticas que a maculavam. (CARDOSO, 2016, p. 46 – 47)

Nesse sentido, o casamento além da função de unir duas pessoas, tem o papel de reparar erros cometidos por esses dois, caso cheguem a desobedecer às ordens vigentes do período, nesse caso as normas do século XX. A sexualidade, a forma de vida da mulher no século XX era muito valorizada e atribuía as mulheres que seguissem as regras, títulos como o de “boa moça, moça de família, mulher casta”. (PINSKY, 2013).

Em contrapartida, há um dos nossos assuntos trabalhados nesse presente estudo, que é a separação. As nossas entrevistadas, em ambos os casos, não chegaram a oficializar o divórcio. Apenas “Dona Rosa”, havia se casado na igreja, “Bárbara” vivia em uma união livre, que não chegou ao casamento, deu-se por encerrado no período de noivado, onde ambos já moravam juntos.

Como já citado no corpo do texto, as nossas depoentes, em determinado período de suas vidas, começaram a exercer o papel que o Código Civil de 1916, atribuía aos homens, o de mantenedora do lar, além das responsabilidades que já tinham em ser mães e donas de casa. “Mulher separada, uma condenada à solidão e ao desamparo moral; ” (PINSKY, 2013, p. 490). Essa era a visão da mulher separada na década de 1950, como aponta Pinsky (2013), porém atualmente essa é uma visão que por conta da frequência dos casos, passa a ser repensada.

Não só pela frequência, mas também por ser uma fase marcada pela narrativa feminina. Onde elas próprias começam a conceituar suas diversidades dentro da atual realidade. Dessa forma o que era visto de modo depreciativo como aponta Pinsky (2013) por associarem separação à solidão pela falta de um companheiro, ganha uma nova roupagem consequentemente com as lutas por espaço, seja de trabalho ou de fala. Isso gera uma presença de mulheres em universidades e em cargos mais altos, reconhecendo o potencial e reivindicando mais espaço para as mulheres.

O papel da mulher com filhos após a separação, não se limita mais apenas aos cuidados da casa e dos filhos, até mesmo por uma questão financeira. Nesse processo, elas procuram o mercado de trabalho e/ou instituições de ensino para capacitação em áreas definidas para que possam priorizar o seu bem-estar, e o de seus filhos.

Dessa forma, novos modelos de família foram sendo construídos ao longo dos anos. Nascimento (2017) caracteriza em sua pesquisa, que uma família monoparental é quando uma única pessoa se torna responsável, por os filhos.

Nesse presente trabalho, a família monoparental é uma regra, já que “Dona Rosa” e “Bárbara” viveram por algum tempo de suas vidas só, direcionando todas as suas atenções a educação dos seus filhos, com a ausência dos pais.

As mães fomentam esse cenário, com maior frequência por a capacidade de cuidar dos filhos, ter sido atribuída a elas, o que é citado por Pinsky (2013), como uma habilidade feminina. Ana Cristina Costa nos traz um fragmento que bem explica as condições matrimoniais na contemporaneidade.

O processo de transformação social é tão acelerado que têm surgido novos arranjos matrimoniais e diferentes possibilidades de viver sua conjugalidade. Além das várias formas de relacionamentos afetivo-sexuais, a diversidade da família atual é perceptível. Rios e Gomes (2009) citam que a família atual pode ser nuclear, monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, gerada artificialmente, entre tantas possibilidades. Dessa maneira, as pessoas buscam ser felizes, elas se unem por razões próprias e pessoais, e não mais para preservar a linhagem familiar ou proteger o patrimônio da família. (FIGUEIREDO, 2013, p. 16-17)

Em suma, podemos compreender através desse fragmento, quais os anseios de homem e mulher na visão de um casamento na contemporaneidade, em detrimento da configuração do matrimônio do século XX, que tinha em vista benefícios financeiros, de ordem social e moral para as famílias envolvidas.

### **1.1 História em construção: somos o que escolhemos lembrar**

Nesse momento, as entrevistadas ganharão nome e suas histórias serão contadas. Para essa pesquisa, encontrei com muito esmero duas mulheres que foram contempladas com a maternidade durante seus relacionamentos, e que por motivos diferentes se separaram de seus companheiros. Serão envolvidos agora, nesse capítulo, sentimentos múltiplos, que foram observados e deixados transparecer durante as entrevistas, que dizem muito sobre o que essas mulheres vivenciaram e quais as memórias que conseguem detalhar no compasso dos questionamentos dirigidos a elas.

É necessário também compreender que a temporalidade em que ambas as entrevistadas, tiveram contato com a maternidade, casamento e separação são completamente distintas, e que por tal motivo outras percepções sobre esse momento foram destacadas e serão aqui desenvolvidas.

“Dona Rosa”, é uma mulher de um belo sorriso e de uma jovialidade estampada no rosto no auge de seus 62 anos de idade. Nascida no dia 23 de junho de 1957, no interior de Santa Cruz do Piauí, chamado *Salinas*. Foi nesse mesmo local, próximo à sua casa que conheceu seu marido, sendo ele primo da jovem. Com ele, ela teve cinco filhos, duas mulheres e três homens, porém uma de suas filhas, faleceu ainda enquanto bebê.

O povoado *Salinas* pertence ao município de Santa Cruz do Piauí que atualmente dispõe de uma infra-estrutura consideravelmente razoável, visto a realidade que nossas depoentes nos contam, em relação ao período que estamos retratando nesse trabalho. A água encanada e a energia elétrica são estruturas que contemporaneamente as dezesseis famílias que residem na comunidade *Salinas*, dispõe para a realização das tarefas domésticas e da roça. Porém nossas depoentes afirmam que durante a infância, essa não era uma realidade para elas.

Assim como também o acesso à saúde foi facilitado, já que atualmente duas vezes por semana há o atendimento em um posto de saúde que atende à demanda da comunidade, e de interiores vizinhos, para que os moradores da comunidade não necessitem se deslocar ao município de Santa Cruz para terem atendimento médico. As estradas também foram aprimoradas, para que os transportes tenham uma melhor movimentação. E por conhecimento próprio, podemos destacar que anterior aos últimos governos, as estradas se tornavam intransitáveis em período de chuvas, o que dificultava a vida da população.

A dona do belo sorriso, fundamental para a construção do nosso trabalho, se casou no ano de 1974 na Paróquia Sant’Ana, na cidade de Santa Cruz do Piauí. Segundo ela, o casamento chegou ao fim na década de 1990, pois ela relata que seu ex-marido era infiel, e por ela ser ciumenta, não admitia traições. O seu ex-cônjuge, a abandonou com quatro filhos para criar, e o mais velho, já tinha 16 anos, e tinha entendimento do que estava acontecendo. Portanto, podemos perceber que a sua experiência com a separação foi após alguns anos de convivência com o seu cônjuge e também quando maioria de seus filhos já estavam crescidos.

Para melhor desenvolvimento do estudo chamaremos seu ex-cônjuge de “Seu José”, mesmo que em nenhum momento ela tenha citado o verdadeiro nome dele. Acreditamos que basicamente por querer apagar de sua memória as recordações que esse nome lhe trazia. “Dona Rosa” não cultivava boas lembranças do que aconteceu entre o casal. Quando questionada, por quais motivos o casamento que

foi consagrado tanto no religioso quanto no civil, chegou ao fim, “Dona Rosa” aponta, e a partir de então começamos a compreender sua história com seu José.

Ele me traía, e eu era muito ciumenta também e ele dava motivo. Ciúmes partia de mim, por causa das traições, das coisas que ele fazia, era muita coisa, aí do meio para o fim, ele já conheceu uma mulher, e ele foi morar em São Paulo dizendo que ia trabalhar para sustentar a família. Mas aí ele foi e passou um mês, três meses e nada dele mandar dinheiro, aí foi que eu soube que ele já tinha era mandado buscar a outra mulher. Aí eu fiquei sofrendo sozinha, Deus me ajudou que eu consegui. (DONA ROSA, 2019)

Nesse fragmento, podemos analisar um sentimento que a “Dona Rosa”, transparece ao ser questionada por o fim de seu matrimônio. Se trata da sensação de abandono que ela sente, quando “Seu José”, parte da sua cidade Santa Cruz, para São Paulo, em busca de melhoria de vida, e lá permanece construindo família, com uma outra mulher, enquanto “Dona Rosa” segue sua vida, sustentando seus filhos com o trabalho de costura. Segundo a nossa depoente, poucas foram as vezes que ele procurou seus filhos, para dar ao menos satisfação do abandono, e muito menos os procurava ajudar financeiramente no intuito de que não faltasse nada a eles.

De acordo com Alessandro Portelli, na sua obra *O massacre de Civitella Vai di Chiana*, ele destaca que a história é criada pelos fatos que decidimos/escolhemos recordar, seja individual ou coletivamente. E a partir das nossas escolhas, a nossa memória decide o que fixar para lembrarmos no futuro. E acrescenta que “(...) não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos, se lembram. (PORTELLI, 1996, p. 22-23)

De acordo com Portelli (1996) a memória pode ser compartilhada, mas a memória sempre será individual. E nesse sentido ele critica os conceitos de memória coletiva de Maurice Halbwachs, por acreditar que pessoas e não grupos constroem memória. Pois acredita que se fosse dessa forma, bastaria um único indivíduo para falar sobre a cultura de determinado grupo, e não considera que esse seja um método adequado para se conhecer a cultura de um povo.

Sendo assim, “Dona Rosa” e “Bárbara” despertam em sua memória, recordações que foram com maior frequência lembrada por elas, e fixadas para que se tornassem recorrentes em suas falas ao se referirem aos seus ex-cônjuges e ao

que aconteceu com elas durante o período que estamos investigando, o de casamento e maternidade solo.

“Dona Rosa”, nos conta que as ajudas que recebia eram vindas de seus pais, pois sua família sempre muito pobre não tinha condição de ajudar. “Eles me ajudavam com um legume que tiravam da roça, a cuidar dos meninos, era essa a ajuda. Nessa época, era tudo mais difícil que agora, agora está mais fácil. Mas naquele tempo era difícil, foi milagre de Deus mesmo.” (DONA ROSA, 2019)

Analisando os relatos de “Dona Rosa”, foi possível perceber, alguns detalhes pertinentes aos debates levantados nessa pesquisa. Um deles se refere a forma como as pessoas a percebiam. A questionamos, se em algum momento ela sentiu algum preconceito por conta do abandono, por criar seus filhos com a ausência de “Seu José”, mesmo ele tendo sumido, e ela nos responde da seguinte forma:

As pessoas tinham era pena de mim. Me admiravam demais, demais, mesmo. De eu nunca cair na gandaia, eu nunca tive um homem, NUNCA. Depois dele, já tive agora, que agora eu tomei essa decisão, depois de velha, hoje eu não estou mais na minha casa porque eu juntei com o dono dessa casa aqui. É porque assim, depois que meus filhos casaram, já dono de suas pessoas, aí eu me senti sozinha, morava lá sozinha. Aí eu fiquei aquela solidão.(DONA ROSA, 2019)

Ou seja, nesse fragmento, podemos compreender que o próprio respeito citado por ela, existente entre as pessoas que lhe conheciam, dizia muito sobre os padrões de uma boa mulher, boa mãe pertencentes ao período em que ela teve sua experiência com a separação e a maternidade. Pinsky (2013) aponta que “dar-se ao respeito” e cuidar de manter a honra intacta era um artifício exclusivo da mulher nos anos 1950. No caso da nossa depoente, a população a via sem preconceitos segundo ela, por ela ser uma senhora de respeito que não dava motivos a sociedade para tecerem comentários negativos em direção da sua pessoa, mesmo após a sua separação em 1990.

Havia necessidade de honrar o seu nome e o de sua família, para ser considerada como uma boa mulher, e por esse motivo ser merecedora de respeito. Elisângela Barbosa Cardoso salienta essa condição de família respeitável em sua tese de Pós-graduação em História. “[...]a respeitabilidade familiar era dependente dos comportamentos femininos, praticados ou atribuídos. ” (CARDOSO, 2010, p. 205). Ou seja, o respeito durante o século XX não era algo automaticamente

atribuído as mulheres, mas sim algo conquistado através das ações das mesmas. Embora alguns resquícios desse modelo ainda vigorem no século XXI.

Em contrapartida aos relatos de “Dona Rosa”, temos a mais jovem das nossas entrevistadas, nascida no dia 16 de dezembro de 1979. Uma mulher de apenas 39 anos de idade, possui cabelos longos e escuros, seu nome é “Bárbara”, atualmente reside em Picos, Piauí, mas nascida e criada na comunidade Salinas. “Bárbara” foi mãe aos 20 anos de idade, de uma menina. A sua história é um pouco mais conflituosa no que se refere ao convívio com o seu ex companheiro.

A concretização do casamento em igreja ou cartório não foi realizada, porém era noiva do pai de sua filha e moravam juntos no estado de São Paulo quando grande parte do contexto que envolve a sua gestação, e separação ocorreu. Conforme o que “Bárbara” nos afirmou, seu relacionamento começou a ter problemas quando ela se mudou da casa de seu irmão, para a de seu ex-cônjuge na década de 2000.

“Bárbara” ressalta desde o início de nossa entrevista que a sua relação com o seu parceiro durante o namoro era perfeita, poucas eram as discussões, sempre muito disposto a lhe conquistar, e segundo ela “até café na cama ele trazia quando já estávamos morando juntos. ” (BÁRBARA, 2019). Aqui nesse trabalho chamaremos seu ex companheiro de “Leonardo”, embora este não seja o seu verdadeiro nome, mas a pedido da nossa entrevistada iremos chama-lo dessa forma, para não haver futuros conflitos com o mesmo.

Conforme o que “Bárbara” nos afirma, ela ambicionava desde muito cedo sua liberdade financeira, e por esse motivo ela saiu de sua cidade, do aconchego da casa de seus pais, no ano de 1998 para morar com dois de seus irmãos mais velhos, no estado de São Paulo em busca de um trabalho. Nesse meio termo ela conheceu o vizinho, que de acordo com ela “nem pensava que iria namorar com ele”(BÁRBARA, 2019), pois esse não era um de seus interesses na época. Porém durante o período que firmou relacionamento sério com o seu companheiro, a sua vida tomou outros rumos, diferentes dos planos que ela tinha para si.

Consoante ao que ela relata, nos anos 2000 eles começaram a morar juntos, e no ano seguinte a notícia da gravidez os surpreendeu. O convívio não foi um dos aliados do casal segundo “Bárbara”. Primeiro por que os acontecimentos foram sucedendo de uma forma muito acelerada, e segundo porque “Bárbara” nos revela que a pouca idade, e a divergência de pensamentos e atitudes, além do ciúme que

ele tinha dela, foram um dos principais motivos que levaram o casal a terem problemas mesma com pouco tempo de relacionamento.

“Bárbara” afirma que a gravidez não foi planejada, embora fosse muito desejada por ambos, porém seria um plano bem futuro, e não tão rápido como aconteceu. Vânia Teresa Reis, esclarece como entende uma gravidez não desejada. “Pode ser desejada enquanto projeto de vida - ser mãe - e não ser desejada naquele momento; por isto, não desejada e indesejada não se tornam sinônimos em qualquer circunstância. ” (REIS, 2004, p. 146). Isto é, no caso de “Bárbara”, ela apenas não desejava e nem esperava uma gravidez naquele momento, tão precocemente, mas era um anseio dela e de “Leonardo”.

Após decidir sair do relacionamento embaraçoso que tinha com “Leonardo”, “Barbara” nos relata como tudo aconteceu durante a vinda para sua cidade natal, já com o fruto do enlace nos braços, com apenas 8 meses, uma vez que os conflitos com seu ex cônjuge aumentaram e se tornaram cada vez mais desagradáveis.

Com oito meses depois que a menina nasceu, ele ainda continuava com as mesmas torturas, dizendo que não era filha dele, mesmo ela nascendo com a cara dele. A filha era dele, ele resolveu registrar e tudo mais, mas eu tinha que ser torturada emocionalmente, dele me humilhando dizendo que a filha não era dele. Fora as coisas que aconteceram que eu não me lembro. Aí para eu vir embora, ele dizia que a gente estava separados, não me dava o dinheiro pra eu voltar, e não pagava as despesas da menina, e aí o final da história ele dizia que eu não tinha nem onde cair morta e realmente eu não tinha como eu vir embora, porque eu não trabalhava. Então eu tive que mandar pedir dinheiro a meus pais. (BÁRBARA,2019)

Nos estudos de Michel Pollack ele organiza os elementos de memória através de algumas noções como, datas, projeções e transferências, nessa perspectiva, ele destaca que “*A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.*” (POLLACK 1992, p. 4). Enquanto ela nos relatava esses acontecimentos, em muitos momentos ela dizia não se recordar de cada detalhe, como citado no trecho acima, é como se houvessem bloqueios na sua memória, para fazer esquecer determinada parte que foi vivenciada, e priorizar outros que mais marcaram.

Esse sentimento por “Bárbara” já construído, de ter uma família (ela e a filha), fez com que ela entendesse que não havia outra pessoa além dela que fosse capaz de assegurar as suas necessidades, juntamente com a de sua filha. Considerava que seus pais já não tinham mais o dever de sustentá-la, mesmo na sua

adolescência, quando decidiu ir morar com seus irmãos para procurar trabalho, e muito menos quando retornou de lá, com uma família para manter.

## **1.2 Violência como instrumento de subjugação: as várias artimanhas de um agressor.**

Heleieth Saffioti, no texto *Gênero, patriarcado, violência* afirma após pesquisas realizadas que grande parte das mulheres brasileiras sofre ou sofreram com algum tipo de violência. Mas nos referimos ao termo, não apenas sobre a violência física. Segundo Heleieth Saffioti, a violência pode ser constatada de várias formas, pois o que é ameaçador a uma mulher, pode ser naturalizado por outra.

Os dados de campo demonstram que 19% das mulheres declararam, espontaneamente, haver sofrido algum tipo de violência da parte de homens, 16% relatando casos de violência física, 2% de violência psicológica, e 1% de assédio sexual. (SAFFIOTI, 2011, p. 47)

Nesse sentido a autora aponta alguns tipos de violência que podemos destacar inserindo a realidade das nossas depoentes. Como por exemplo, a violência psicológica, emocional, financeira, a infidelidade também faz parte desse leque de possibilidades que a violência desperta no comportamento dos indivíduos. Assim, tanto “Bárbara” quanto “Dona Rosa”, sofreram diretamente com algum tipo de violência, porém como Saffioti acrescenta, nem todas as mulheres consideram ter enfrentado algum tipo de hostilidade, por não terem o entendimento que a violência vai além da agressão física.

“Bárbara” relata durante a entrevista que sofria violência psicológica do seu companheiro “Leonardo”. Afirmações como “Dizer que a filha não era dele. Prejudicava minha saúde demais, eu não conseguia comer direito, não podia sair na porta de casa, cumprimentar alguém, por que ele era doente de ciúmes, me culpava por tudo. É tanto que nós vivíamos presos dentro de casa. ” (BÁRBARA, 2019).

De acordo com “Bárbara”, essas atitudes de “Leonardo”, acarretaram uma série de problemas de saúde e psicológicos a ela. Saffioti (2011) acrescenta que em raros casos a mulher consegue se livrar de um homem abusivo, sem a ajuda de terceiros. Nesse sentido, “Bárbara” explica que, após pedir ajuda financeira a seus

pais que estavam em Salinas, município de Santa Cruz do Piauí, foi que conseguiu se separar de “Leonardo” e retornar a sua cidade natal.

Nessa perspectiva, percebemos que a dependência financeira de “Bárbara” limitava seus passos rumo à saída desse relacionamento abusivo em que vivia. É importante ressaltarmos que essa realidade é aplicada a vida de muitas mulheres que convivem com um agressor e que por motivos financeiros, de não terem para onde ir, não se libertam das amarras de tal envolvimento. Dessa maneira, a inserção da mulher no mercado de trabalho, serve também como uma libertação, para que elas não permaneçam em um convívio de hostilidades com seu parceiro.

Ao questionarmos “Dona Rosa”, se a violência foi presente durante seu casamento, ela afirma: “Não, não, ele nunca foi agressivo, o problema eram as traições” (DONA ROSA, 2019) Para a psicóloga Ana Cristina acredita que há várias possibilidades de se analisar a infidelidade, e compreendemos também que essa é uma forma de violência contra a mulher. “Consideramos que a infidelidade conjugal é um fenômeno amplo e complexo podendo haver diferentes motivações para a sua prática. Estas estão inter-relacionadas, não havendo um único motivo que explique esse fenômeno. ” (FIGUEIREDO, 2013 p, 32).

Contudo, Maria Engel de Oliveira, em sua dissertação de mestrado, cita a antropóloga Mirian Goldenberg que em pesquisas realizadas com homens e mulheres sobre os motivos que os levam a infidelidade, afirmam.

Que as razões para a infidelidade mais apontadas pelas mulheres foram: “falta de amor, insatisfação, crise ou problemas do relacionamento”. Já os homens apontaram, além destes mesmos motivos, outros, tais como: “natureza masculina, instinto, aconteceu, oportunidade, atração, desejo, vontade, tesão, “testicocefalia”, não consegui resistir, para não me arrepender das oportunidades que perdi”. (OLIVEIRA, 2007, p. 37)

Sendo assim, acreditamos que a traição de “Seu José”, pode ter tido qualquer uma dessas razões. Porém a versão que “Dona Rosa” nos leva a compreender é a de que ele sempre fora um homem “danado”, e que ela casou-se com ele sabendo de sua fama. Embora ela relate que sabia do comportamento duvidoso de “Seu José” na relação, o casamento foi uma direção que ela resolveu seguir, pois esse era o padrão que as mulheres de sua época deveriam adotar.

No texto *O mito da Masculinidade*, o autor Socrates Nolasco pontua algumas questões em torno da masculinidade e com elas cita a questão sexual como um

princípio que deve ser inserido na mentalidade dos garotos, de que eles devem desenvolver essas atividades como uma forma de afirmação da sua virilidade. E ressalta que o “modelo de comportamento do macho” (NOLASCO, 1993, p. 47), deve ser referência para os garotos, e para isso as demonstrações de afeto devem ser evitadas para que não passem uma imagem sensível, elemento que o homem macho não dispõe.

### **1.3.As mulheres na chefia do lar: a independência financeira através do ofício da costura.**

No início do século XX, a participação feminina no mercado de trabalho era reconhecida como uma subversão da ordem. Pinsky (2016) aponta que, as atividades fabris estavam em ascensão nesse período para as mulheres, além das atividades da roça, do artesanato e eventualmente de comércio familiar. E acrescenta que “embora a operária fosse tida como mais respeitável que a prostituta, não merecia a mesma consideração que a mulher do lar.” (PINSKY,2016, p. 503). Desse modo percebemos, que a mulher, embora conseguisse ingressar no mercado de trabalho, estaria exposta a diversos preconceitos, pois estaria exercendo funções que diz respeito ao homem cumprir, como o de manter financeiramente o lar.

Assim como as operárias de classes pobres, no século XX, existiam as professoras e enfermeiras que ocupavam espaços designados às mulheres de classe média. No livro *Mulheres Plurais*, de Pedro Vilarinho Castelo Branco, identificamos especificamente quais espaços essas mulheres ocupavam, levando em consideração a qual classe pertencia.

Para as mulheres pobres, os novos espaços estavam principalmente nas fábricas, em ramos anteriormente absorvidos pelo trabalho doméstico, como a fabricação de cigarros, de tecidos, de chapéus, de chocolate e de redes. No caso das mulheres dos estratos médios, que precisavam ganhar a vida com seu labor, o magistério e a enfermagem surgiam como boas opções de trabalho remunerado. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 98).

As mulheres do século XX, embora inseridas no mercado de trabalho, sentiam a divisão de classes até mesmo neste sentido. No trecho acima, Pedro Vilarinho descreve como se dividiam as profissões destinadas tanto as mulheres

pobres, quanto as de classe média. As mulheres mais pobres, viam o trabalho como um meio de sobrevivência, e por esse motivo aceitavam ofícios exaustivos. Já as mulheres de classe média/elite, se beneficiavam dos meios de trabalho, para complementarem a renda familiar, que em muitos casos era gerida por os pais, e só com a permissão deles, elas podiam exercer tais funções

No texto *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*, compilado através de uma pesquisa realizada pela FPA - Fundação Perseu Abramo, que busca saber como vivem e como pensam as mulheres brasileiras no início do século XXI, destaca alguns direitos sociais considerados mais importantes na sociedade brasileira, entre eles a saúde, o trabalho, e a educação. A autora Tatau Godinho salienta que os frutos da pesquisa mostram que:

Um dos resultados mais interessantes da pesquisa foi uma avaliação positiva e bastante significativa das mudanças da situação das mulheres nos últimos anos, na qual a possibilidade de entrada no mercado de trabalho e a conquista da independência econômica aparecem em primeiro lugar. E em seguida, e também com grande destaque, aparecem as questões associadas à liberdade e à independência pessoal, de agir como se quer, de tomar as próprias decisões. Mas é preciso mencionar que, diante a disjuntiva do trabalho fora de casa e a dedicação à família e o trabalho doméstico, pouco mais de um terço das mulheres preferiria dedicar-se mais a estas atividades, deixando a profissão e o trabalho fora de casa em segundo plano. (GODINHO, 2004, p, 153)

Isto é, embora muitas mulheres ainda se limitem aos espaços privados que diz respeito a família, e aos trabalhos de casa, em grande medida uma outra parcela está interessada em ingressar no mercado de trabalho, acreditando nas possibilidades que o mesmo lhe trará, como apontado no fragmento acima, a independência econômica e pessoal. Nesse caso, as mulheres que participam como depoentes desse presente estudo, após a separação, consideraram o mercado de trabalho, como uma alternativa eficaz para garantir o sustento da casa e dos seus filhos, bem como a garantia de independência pessoal que as atividades comerciais poderiam lhe proporcionar.

Um aspecto que nos chamou bastante atenção ao dialogar com as nossas entrevistadas, é o fato de que ambas sabiam costurar, e afirmaram que o trabalho que lhes possibilitou todos essas garantias de sustento citados anteriormente foi o de costureira. “Dona Rosa”, desde muito jovem exerce o ofício de costureira, ao ser questionada se já costurava quando se separou de seu ex-marido, ela afirma “Sim,

já trabalhava nas máquinas de costura, sustentei meus filhos com elas” (DONA ROSA, 2019). Logo em seguida ela diz que, ofício se tornou algo ainda mais sério depois da separação, até mesmo porque tinha as despesas da casa e os filhos para manter.

Em contrapartida “Bárbara” a nossa depoente mais jovem, teve outras experiências no mercado de trabalho, além da costura, após a sua separação.

Eu tinha que seguir minha vida, com marido ou não, eu já tinha uma família, eu tinha que tocar pra frente fazer alguma coisa. No começo, trabalhei uns tempos em casa de família, e depois trabalhei na minha área mesmo, costureira, e até hoje estou trabalhando nessa área. (BÁRBARA, 2019)

“Bárbara” mesmo muito jovem, ao retornar a sua cidade Salinas, município de Santa Cruz do Piauí, percebeu que deveria fazer sacrifícios como ela mesma coloca, para manter sua filha. Foi trabalhar na cidade de Picos, durante esse período deixava sua filha com seus pais, e apenas no final de semana se viam. Ela acrescenta que “pra mim essa foi a pior tortura, separar de minha filha tão pequena e que ainda mamava, com três anos de idade, para garantir de longe o alimento e as roupas que ela vestia. ” (BÁRBARA,2019).

Em consonância com aquilo que já discutimos nesse item, Carla Bassanezi aponta que a costura era uma opção de trabalho que:

Embora de suma importância para o orçamento familiar, não se desviava tanto do ideal doméstico preconizado para a mulher, já que, como era feito em casa, dava a impressão de não comprometer a dedicação devida das esposas aos maridos, das mães aos filhos e da dona de casa ao lar. (PINSKY, 2016, p. 504).

Corroborando com essa citação de Carla Bassanezi, “Bárbara” destaca que esse aprendizado era comum na sua localidade ser repassado de mãe para filha. “Era como se fosse uma escola, eu aprendi vendo minha mãe costurar. Beatriz (Irmã mais velha) costurava e Dona Inês, minha vizinha, também.” (BÁRBARA, 2019). Isso mostra o quanto a costura era uma atividade comum no seu município, já que “Dona Rosa” também fazia parte a mesma localidade durante sua infância.

Contudo, destacamos as atividades realizadas no mercado de trabalho, seja exercida por mulheres de classe pobre, ou de elite, como uma forma de mostrar frente à sociedade, que elas são capazes de assumir diversas funções, para além das “profissões de mulher” como coloca Abrantes (2010), na sua tese *O dote é a*

*moça educada*, e também como uma forma de ocupar cada vez mais espaços tanto no âmbito privado quanto público.

De acordo com, Larice Íris (2014) aponta que atividades exercidas por jovens mulheres em Picos na década de 1960 e 1970 deveriam ser mais próximo do modelo feminino que se tinha na época. Trabalho no comércio, meios de comunicação, como rádio, televisão, imprensa e na música não eram bem vistos, além de que às distanciavam do exemplo de dona de casa, mulher complacente, entre outras qualidades de uma boa moça.

Contudo no contexto das nossas depoentes o trabalho era uma condição que elas tinham que inserir em suas realidades, para garantia não apenas da independência pessoal ou econômica, mas como base para manter seus filhos, que após a separação e a consequente ausência do pai, precisavam de disposição financeira para a garantia de vida dos mesmos. E através do trabalho de costureira, tanto “Dona Rosa”, quanto “Bárbara” conseguiram prover as necessidades financeiras delas, do lar e de seus filhos.

#### **1.4 Juventude e diversão: o controle dos corpos femininos através dos padrões de comportamentos sociais**

As abordagens acerca do termo juventude, trabalhados no texto *Diferenças e igualdade* da autora Castro (2009) envolvem questionamentos como, saber se a definição de ser jovem se dá através da idade ou do comportamento adquirido por a população. E acrescenta, em resposta aos seus questionamentos, que desde o século XIX, a juventude é estabelecida a partir da idade biológica do indivíduo. Nesse sentido Pierre Bourdieu ressalta que “As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas.” A idade social para Bourdieu é construída através de fatores comportamentais adotados pelos jovens.

A juventude é um tema bastante discutido pelas ciências sociais, porém em pleno século XXI, as definições ainda são múltiplas para definir as características desse grupo. Nas pesquisas realizadas para a elaboração de sua tese, a assistente social Reis (2004) classifica a juventude como uma condição de vida, embora seja uma afirmação bem complexa e ampla de se fazer, por existir reflexos do estilo de vida dos jovens, adotados por adultos e idosos.

Concomitante a essas perspectivas, Vânia Teresa Reis apresenta como a juventude é vista pelas mulheres, a partir das pesquisas realizadas com jovens do Bairro Satélite de Teresina-PI. “Para as mulheres, a juventude é tempo de continuar o aprendizado das tarefas domésticas, exercício que se iniciou na infância, habilitando-as para o casamento.” (REIS, 2004, p. 216). Análogo ao que Vânia Reis destaca, “Dona Rosa” e “Bárbara” reconhecem que durante a juventude fizeram o que desejavam e era certo para sua época. (falar que as duas viveram essa experiência em períodos distintos, e que por mais q tivessem o mesmo ofício, a realidade era distinta até mesmo por a questão de idade.)

De acordo com Cardoso (2002), no texto *Múltiplas e singulares*, o casamento e os papéis familiares deveriam ser prioridade na vida das mulheres da década de 1930, a vida profissional a partir dos anos de 1970 já poderiam ser considerados espaços próprios para as mulheres. Mas a autora reafirma, que essa era uma opção, mas que a família e a busca por um bom casamento, deveriam continuar sendo alvos das mulheres desse período.

“Dona Rosa” é um espelho dessa afirmação, ela certifica que casar e construir família era um desejo seu durante a sua juventude. Ao ser questionada se de certa forma elaperdeu sua juventude, se casando muito cedo, ela afirma:

Não, eu acho que não. Eu fiz o que eu queria. Queria casar cedo, casei. Tive filho jovem. Logo não tinha pra onde sair, o divertimento era ir pra roça, e chegar em casa, cuidar das tarefas de casa. Aí mais atrás não tinha as coisas que tem hoje em dia não. Tinha toda vida teve, mas nós lá de casa éramos mais recatadas, de casa pra roça, ou uma festinha nas quatro festas do ano, como diza história. Acompanhada com os mais velhos, com um cunhado, um irmão, não podia sair sozinha não, saia nada. O povo achava feio, nós não saíamos mais todo mundo em festa não. (DONA ROSA, 2019)

“Bárbara” em resposta a mesma pergunta relata que não considera ter perdido sua juventude.

Mulher! Acho que não, porque o que eu aproveitei da juventude, foi o tempo em que eu morava aqui (Salinas), mas eu sempre quis ser independente e trabalhar, mas nunca fui independente de andar sozinha, só saia se fosse com uma pessoa conhecida de responsabilidade, não interessa a idade que eu tinha. E lá (São Paulo) também, nem com pessoa de responsabilidade eu não saia, meus irmãos não deixavam. (BÁRBARA, 2019)

Percebemos com os relatos de “Dona Rosa” e “Bárbara”, que não pertenciam à mesma família, que o controle dos corpos das mulheres do município Salinas de

Santa Cruz do Piauí, era uma ação habitual. Essa era uma forma de que os homens da família tinham como dever, em preservar a boa reputação ao vigiar e acompanhar as moças ao saírem do âmbito privado, para o público. Esse era um dos cuidados, que deveriam ter para a manutenção da boa reputação das jovens, e também das famílias a qual pertenciam.

Pinsky (2016) aponta que as jovens da segunda metade do século XX, sentiram levemente mudanças no comportamento da sociedade em relação à imagem feminina que circulava com mais independência, que se expressavam, que manifestavam seus gostos pela moda, entre outras alterações. Porém acrescenta.

Os novos hábitos das “moças de família”, como ir sozinha às compras ou à escola tinham, como contrapartida, submeter-se aos olhares controladores não só dos familiares, mas também ao escrutínio de vizinhos, professores, patrões, além do julgamento moral de médicos, políticos e autoridades judiciais. Os advogados da moral e dos “bons costumes” lembravam-nas sempre de que, embora as personagens femininas ousadas das telas ou dos romances causem impressão, apenas as “mulheres boas e puras” estão destinadas ao casamento. (PINSKY, 2016, p. 477-478)

Desse modo compreendemos que havia um modelo a ser seguido, e aquelas que optassem por não cumprir estariam sujeitas a não contraírem matrimônio e nem se tornar uma mulher de boa fama na sua cidade e até entre os familiares. “Bárbara” durante a sua juventude, relata que não tinha a liberdade de entrar e sair quando e com quem quisesse, e afirma que durante o seu relacionamento com “Leonardo”, as práticas de lazer também se limitaram.

Não é nem tanto que ele não deixava, é porque ele também se trancava. O mundo era só eu e ele. Meus irmãos vieram embora, todo mundo veio embora, porque lá em São Paulo é assim, você vive presa, é só casa e trabalho, às vezes você tira um final de semana pra ir à casa dos parentes, curtir. Mas nós não tínhamos essa rotina, era só em casa e pronto e nada mais, não tinha lazer não tinha nada. (BÁRBARA, 2019)

Nesse fragmento, “Bárbara” ressalta a falta de sociabilidade existente em relação a outras pessoas, por considerarem a companhia entre os dois o suficiente. Segundo “Bárbara” essa prática se tornou cada vez mais comum, e isso afetou diretamente o relacionamento. Isso nos faz analisar como o relacionamento de “Bárbara” com “Leonardo” era restrito.

Consideramos que essa restrição da sociabilidade, em detrimento da vida social que ambos tinham anteriormente ao relacionamento, era propriamente para controlar as amizades, conversas e diversão com outras pessoas que não englobasse o casal. E “Bárbara” afirma que, essa era uma forma que ele utilizava para evitar contato com os vizinhos, que achavam o relacionamento deles complexo, para ser vivido por dois jovens.

## 2. EDUCADAS PARA SERVIR: A CONSTRUÇÃO SOCIAL ACERCA DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

No livro, *Saúde mental, gênero e dispositivos* da psicóloga Valeska Zanello é realizado um esboço das construções sociais atribuídas as mulheres, enquanto mães ao longo dos tempos. Primeiro, a autora destaca que a naturalização do sentimento materno e das definições atribuídas às mulheres de mãe bondosa, mãe dedicada, só surgiram após o século XVIII, onde a figura materna ainda estava muito desligada de seus rebentos.

Nesse sentido, ela coloca que anterior ao século XVIII, e durante boa parte dele, as mulheres tinha o costume de entregar seus filhos às amas de leite e/ou cuidadoras e só após alguns anos voltaria a reestabelecer contato com seus filhos, quando esse não morria. E acrescenta que para as mães “Com o decorrer do tempo, foram demandadas, cada vez mais, atividades de cuidado, dedicação e educação, até serem consideradas, no século XX, por meio da “maternidade científica” as principais formadoras do caráter e personalidade de seus filhos.” (ZANELLO, 2018, p. 127). A condição biológica da mulher de reprodução ajudou a construir esse ideal de mulher, Pinsky (2013) aponta que.

Ter filhos significa também cuidar pessoalmente deles, pelo menos essa era uma das ideias que, desde a década de 1870, as elites que pretendiam construir um país “mais civilizado” procuravam incutir na sociedade. São dessa época as primeiras críticas às mães que deixavam suas crianças aos cuidados de escravas, serviçais ou “mãos mercenárias”; às que delegavam a amamentação ou contratavam babás, por exemplo. Surgiam, então, os primeiros esboços da “boa mãe” higiênica e educadora, que, além de ter os filhos “sempre bem arranjados e limpos”, acompanha de perto o crescimento dos pequenos e os ensina a rezar e a comportar-se adequadamente, livrando-os de perniciosas influências externas que comprometem o “fortalecimento da raça”. (PINSKY, 2013, p. 491-492)

A atribuição dessas qualidades a mulher, como o de delicada, paciente e amorosa com os filhos foram criadas para garantir que a alta mortalidade infantil da época reduzisse. Esse era um interesse segundo Zanello (2018) dos governos, que começaram a ver as crianças como um “braço a mais para auxiliar no sustento da

família” (ZANELLO, 2018, p. 126). Dessa forma, havia a necessidade que as crianças continuassem vivas, e elas precisavam de cuidados e atenção que só as mulheres poderiam lhe dar, já que elas tinham por natureza o poder de cuidar.

No livro *História das mulheres* organizado por a historiadora Mary Del Priore, há uma discussão semelhante a essas aqui citadas, onde a autora Cláudia Fonseca expõe que a responsabilidade adotada por grupos de parentesco em ajudar na criação das crianças durante todo o século XX, colaborou em grande medida para manter a família conjugal em crescimento. Havia dois motivos citados pela autora que ajudavam no declínio do número de famílias historicamente.

Havia as epidemias de cólera, tuberculose entre outras doenças causadas pela falta da higiene pública no Brasil no início do século XX, e havia também a mortalidade das mães na hora do parto, por consequência da falta de recursos que colocava em risco a vida das crianças e das mães em trabalho de parto. Por esse motivo havia um grande número de jovens viúvos nesse período.

De acordo com Mary Del Priore, em sua obra *Ao sul do corpo* havia um adestramento social que orientava as mulheres a exercerem o papel de mulher e mãe ideal, com base no projeto desenvolvido pelo estado e a igreja. A fabricação da santa-mãezinha era um desses projetos. Todos os excessos segundo Del Priore (2009) deveriam ser evitados, menos os que aproximavam as mulheres, a semelhança dos projetos que a igreja desejava. A maternidade no período colonial, era visto como uma tarefa atribuída às mulheres, porém como afirma Pinsky (2013) ter filhos na contemporaneidade deixava de ser uma imposição, e se tornava uma escolha pessoa das mulheres.

O casamento como já citamos no capítulo anterior, tinha como finalidade a procriação, esse era outro projeto de adestramento dos corpos femininos, trabalhados na obra *Ao sul do corpo*, durante o período colonial. As mulheres tinham como dever, serem comportadas e almejar o casamento como plano de vida, para que se situassem bem entre os espaços públicos. Quando esse cenário não era reproduzido por as mulheres, e conseqüentemente o conceito de mal faladas era atribuído a elas, a igreja se beneficiava desses acontecimentos, para propalar o seu projeto arquitetado, com o estado em administrar os comportamentos femininos do período colonial.

Apontamos condições maternas que foram construídas ao longo da história, principalmente no que diz respeito às mentalidades acerca dos projetos criados para

o encaixe da mulher-mãe nos padrões considerados adequados para seguir, como o de boa esposa, boa mãe e mulher compreensiva, apta a aceitar as regras destinadas a elas. Estudos realizados na contemporaneidade mostram que cada vez mais as mulheres vem constituindo novas perspectivas de ser mãe, tanto por vontade própria, quanto por situações adversas que aconteceram em suas vidas, como a separação.

Esses estudos comprovam que lares chefiados por mulheres, sem cônjuge, com filhos cresceram no Brasil, nos últimos anos. Uma pesquisa realizada pelo DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, levanta dados que comprovam essa afirmação e acrescenta que

Além de não possuírem um companheiro, mais de 64,0% das chefes de domicílio tinham 40 anos ou mais. Este dado indica que as mulheres assumem a chefia da casa em idade mais avançada, provavelmente pelo fim do casamento ou pela viuvez. (BOLETIM DIEESE, 2004, p. 6)

Intitulado *A mulher chefe de domicílio e a inserção feminina no mercado de trabalho* esse artigo aborda questões pertinentes para serem analisados nesse presente trabalho. Condições como o de separada ou viúvas, levam ao crescente aumento dos lares chefiados por mulheres, essa é uma realidade da nossa sociedade atual. Podemos perceber que a mulher vem desenvolvendo papéis, e ocupando espaços que durante e anterior ao século XX, não vingavam por existir modelos a seguir, impostos pelo estado, pela igreja ou até mesmo pela sociedade no geral, como já foi discutido.

Outro fator importante destacado por a pesquisa da DIEESE é o de que o aumento do número de mulheres chefes de domicílio revela uma realidade desvantajosa que em grande medida apenas a mulher tem contato.

Apesar da crescente participação feminina no mercado de trabalho e do aumento do número de mulheres chefes de domicílio, há uma situação desfavorável para as mulheres: O homem, quando responsável pelo domicílio, dispõe quase sempre da gestão do domicílio compartilhada com o elemento feminino do casal. Já a mulher chefe, além de não desfrutar dessa divisão de responsabilidades para gerir o domicílio, lida com um mercado de trabalho discriminatório em relação ao sexo feminino. (BOLETIM DIEESE, 2004, P. 14)

Sendo assim, a pesquisa mostra que, quando o homem é o chefe do lar por manter financeiramente, ele é casado, ou tem o auxílio de uma mulher para realizar as atividades domésticas. Porém a mulher como chefe de família, tem a responsabilidade tanto de suprir o lar, como também lidar com o mercado de trabalho, que reflete os preconceitos de gênero. Como aponta Sousa (2014) as mulheres da contemporaneidade ainda enfrentam problemas, sendo um deles, em que elas exercem profissões iguais aos dos homens, no entanto a remuneração financeira delas, é inferior ao salário que eles dispõem.

Apesar disso, as mulheres enfrentaram ao longo dos anos com a falta de informação sobre assuntos que lhe diziam respeito, porém eram considerados “proibidos” para moças de família. Carla Bassanezi aponta que “Em 1961, a pílula anticoncepcional chegou às farmácias. O método mais confiável de controle de natalidade ajudaria a promover uma diminuição no número de filhos, fazendo declinar ainda mais o tamanho das famílias.” (PINSKY, 2013, p. 514). Nesse sentido podemos compreender que a participação do anticoncepcional nas famílias, e principalmente para as mulheres do século XX até os dias atuais como um mecanismo de controlar a natalidade, mas também como uma escolha em que as mulheres poderiam fazer em suas vidas.

Em conformidade com essa questão dos anticoncepcionais utilizados desde o século XX, “Dona Rosa” afirma que “No meu tempo não tinha nem como evitar. Aliás, já tinha como evitar, mas lá no interior ninguém sabia de nada disso não. Aí tinha filho logo de dois em dois anos, outras tinha de ano em ano.” (DONA ROSA, 2019). Dessa forma, analisamos que o controle de natalidade nas zonas rurais não era uma prática tão comum, já que ela afirma que não sabiam da existência desses meios, ou esses assuntos eram restritos para que “moças recatadas” como ela nos afirmou que era ela e suas irmãs, não terem conhecimento.

Nesse sentido, “Bárbara” por ter tido experiência com a maternidade no ano de 2001, e ter um contexto diferente do de “Dona Rosa”, ela afirma que durante seu relacionamento com “Leonardo” tudo ocorreu de forma muito rápida, e acrescenta: “Juntei com ele, e nos primeiros meses que eu juntei eu já engravidei. Não cheguei nem a evitar. Quando eu ia me preparar pra fazer uma consulta com uma ginecologista eu descobri que já estava grávida.” (BÁRBARA, 2019)

Desse modo, constatamos que “Bárbara”, tem uma realidade mais liberta e distinta do que apresentamos anteriormente, em relação ao conhecimento de

métodos contraceptivos de “Dona Rosa”. Reconhecemos que esses entendimentos que são (des) construídos através de novas mentalidades acerca do ser mulher, e ser mãe, constituem um novo cenário relativo a mulher com o passar dos anos.

Ou seja, não há uma concepção formada desde sempre do que é demarcada a figura feminina. E sim uma construção social que sofre alterações, mas que também trazem resquícios dos moldes anteriores que concebe o papel social da mulher – mãe. A configuração de boa mãe, realizada com seu projeto de vida, dona de casa e zelosa com tudo (móveis e casa) e principalmente com todos (marido, filhos), é uma concepção que aos poucos tomou conta até mesmo dos espaços na mídia, como afirma Zanello (2018) que talvez seja essa uma forma de reafirmar o discurso de que “uma verdadeira mulher-mãe” deve ser benevolente.

Nesse ponto, podemos analisar como “Bárbara” e “Dona Rosa” se vêem como mães. Visto que a partir de certo período, as responsabilidades, os cuidados e a educação foram destinados apenas a elas, já que elas nos afirmaram que o pai de seus filhos, não participava afetiva e financeiramente da criação dos seus filhos. E averiguar se a abdicação de viver sua própria vida, em benefício dos seus filhos é uma designação particular delas, ou foi uma implantação nos seus valores e costumes desde criança a acreditar que esse é o certo a se fazer?

## **2.1 Mães presentes e pais ausentes**

De acordo com “Dona Rosa”, muitas dificuldades foram enfrentadas por elas, para sustentar seus filhos, com a ausência do pai. Ela conta que seus pais foram fundamentais para garantir que eles não passassem por necessidade. Como Pinsky (2013) aponta no texto *A era dos modelos rígidos*, o homem nesse período, em uma relação matrimonial tinha o papel de manter a casa, e também decidir sobre a educação dos filhos, porém esse cuidado se restringia apenas ao âmbito econômico.

Já no capítulo *A era dos modelos flexíveis*, a autora Carla Bassanezi se refere à mulher da década de 1960, não mais com a obrigatoriedade em ser mãe que havia anterior a esse período, e sim como uma decisão pessoal da mulher, e quando inserida em um relacionamento, ela tinha a liberdade de questionar o seu cônjuge sobre as possibilidades de terem ou não filhos. Além disso, é destacado que a maternidade como “motivo de orgulho” em grande medida livra na

contemporaneidade as “mães solteiras” de julgamentos que anteriormente eram tecidos sobre elas.

De acordo com “Dona Rosa”, um de seus objetivos era o de ser mãe, e acrescenta que essa foi sua maior conquista, já que o seu casamento não durou por muito tempo. E quando questionada sobre qual a participação de Seu José na criação de seus filhos ela relata.

Depois que ele me abandonou e abandonou os meus filhos, ele sumiu. Teve uma época aí que ele vinha e procurava os meninos, mas muito raro de acontecer. A pensão quando o irmão dele incentivava pra ele mandar, é que ele mandava uma ajudazinha, mas também não era certo de todo mês. Tudo era comigo, eu foi quem trabalhei o tempo todo pra não deixar eles passar fome. (DONA ROSA, 2019)

Percebe-se que ela se refere aos filhos do casal, como “meus filhos”, averiguamos que esse sentimento que ela construiu por cuidar das necessidades e garantir afeto aos filhos, fez com que ela assumisse essa maternidade sozinha, após o fim do casamento. A ausência do pai de seus filhos foi para “Dona Rosa” um período de dificuldades, porém ela relata que depois que ela entendeu que estava sozinha nesse processo, ela apagou da memória essa parte de sua vida.

No texto *Mães solteiras e a ausência do pai: questão histórica e novos dilemas* é realizado um estudo sobre a história da ausência paterna desde o período colonial, e explana também a manutenção dos lugares definidos a homens e mulher no contexto familiar.

Há uma dinâmica que é posta as pessoas pela sua condição de sexo. Esta faz com que, as divisões de papéis sejam estabelecidas e cumpridas pelos atores. Assim, os homens são afastados dos compromissos parentais como afetividade, carinho e educação das/os filhas/os, enquanto as mulheres são convergidas a eles, essa era a regra uma forma de defesa e sustento, pelas necessidades e obrigações no caso dos homens. (OLIVEIRA, 2015, p. 86)

Nesse sentido, essa divisão de papéis que atribuem amor, cuidado e afeto as mulheres, como citado no fragmento anterior, distancia os homens dessa ligação com os filhos. E os encarrega de suprirem apenas as necessidades financeiras e sociais da família. Zanello (2018) faz uma observação pertinente para pensarmos essa questão dos deveres maternos, em detrimento da ausência física e afetiva dos pais na criação dos filhos.

Raramente escutamos, reprimendas a pais, mesmo os abandonantes ou ausentes. No caso dos homens, a culpa aparece por outra via identitárias, a que não é relacionada à paternidade em si, mas à capacidade de prover, dar “do bom e do melhor” para sua família (nos casos em que ainda continua com a mãe de seu filho; nos outros, nem isso). (ZANELLO, 2018, p. 156)

É reunido nesse trecho, uma explicação para aquilo que viemos destacando ao longo dessa pesquisa. O fator social que destina a homens e mulheres os direitos e deveres com a responsabilidade da família, mostram com o passar dos anos que há ainda características que resistem em tempos atuais. Como por exemplo, a ausência do pai, nos períodos de guerra destacado por Oliveira (2015), é um fator social que já não está presente na contemporaneidade da sociedade brasileira, porém há outros motivos que impulsionam a ausência dos pais nos lares, e na criação de seus filhos, como a separação, no caso das nossas entrevistadas.

Um sentimento que foi possível perceber entre “Dona Rosa” e “Bárbara” em relação aos seus ex-maridos, foi o de repulsa. “Dona Rosa” por sentir que foi trocada por “Seu José”, e por ele ter feito pouco caso dos frutos do relacionamento, pois não colaborava sequer financeiramente para a criação dos filhos. E “Bárbara” por relatar que sofreu múltiplas dificuldades causadas por “Leonardo”, tanto afetiva como financeira, que limitava o seu retorno à casa de seus pais.

Em entrevista realizada para a revista *Correio Braziliense*, com mulheres que convivem com a maternidade solo, Gláucia Chaves destaca que “Se conseguirem vencer o ressentimento em relação à ausência dos pais da criança que esperam, elas podem arregañar as mangas e resolver os problemas sozinhas.” (CHAVES, 2011). Ela utiliza essa afirmação, em forma de superação para aquelas mulheres que eventualmente esqueçam a ausência do pai, e possivelmente transtornos que ele tenha causado na vida dessas mulheres, como um meio para vencer os problemas que podem surgir durante e após a maternidade. Porém consideramos que a memória construída por essas mulheres, envolve acontecimentos que não são facilmente excluídos por elas.

De acordo com Pollak.

(...) as preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a *memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem

tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 4-5)

Ou seja, Michael Pollak destaca que a memória é construída, porém no âmbito individual, ela é bastante delicada, já que revela um contexto mais íntimo, levando em consideração as particularidades de cada indivíduo, e aquilo que é priorizado e descartado por sua memória. Nesse caso, a construção da memória de “Bárbara” e de “Dona Rosa” em relação aos sentimentos que preservam em correlação a seus ex-cônjuges, são semelhantes, por acontecimentos como o de casamento, maternidade e separação terem sido vivenciado por ambas.

Assim como esses acontecimentos, o relato de “Dona Rosa” nos revela um elemento comum entre elas, o de que relacionar-se com outra pessoa era um pouco delicado, por terem medo de elas mesmas sofrerem ou de seus filhos não se adaptarem a uma nova estrutura familiar. E complementa.

Nunca tive coragem de procurar um homem pra botar dentro de casa pra me ajudar. Eu não me atrevia colocar um homem, dentro de casa pra judiar de meus filhos, eles sempre em primeiro lugar em tudo. Deus me defenda de eu querer fazer isso, sofrer as mesmas coisas, por causa de homem, Deus me defenda! Tinha as pessoas que olhava pra mim já com certo interesse, aí antes de chegar pra perto eu já tirava meu corpo de lado. Continuei sozinha, criei meus filhos, hoje são todos casados, aí eu fiquei naquela solidão, morando sozinha. E só agora depois de muitos anos, é que eu juntei não que eu procurasse, mas ele (atual cônjuge) era viúvo, me procurou, e a gente resolveu se juntar, está com quase dois meses que decidimos morar juntos. (DONA ROSA, 2019)

Como podemos perceber no fragmento acima, só após trinta anos de sua separação, “Dona Rosa” se relacionou novamente com outra pessoa, e como ela mesma relata, seus filhos já estavam criados e ela agora se sentia mais confortável em viver sua própria vida. “Bárbara” compartilhava desse mesmo sentimento, em relação a se relacionar com outra pessoa, por subjugar ser algo complicado, tendo em vista que tinha como prioridade sua filha.

Quando minha filha cresceu um pouco, ela começou a me cobrar uma família de verdade, meu ex-marido eu nem cogitava essa hipótese, e outra pessoa não seria tão fácil assim. Principalmente quando você tem filhos, pra se entra em outro relacionamento não é fácil, porque você não admite outra pessoa falar mal de filho seu, nem que ele esteja errado, mesmo que seja pro bem você não

admite. É mito difícil, a maior dificuldade de a mulher ser mãe solteira, é ela se relacionar com outra pessoa. Só depois dela já crescida foi que eu tive coragem de juntar com uma pessoa. (BÁRBARA, 2019)

Podemos compreender através desses relatos de “Dona Rosa” e “Bárbara” que a experiência que tiveram com seu ex-cônjuge, influenciou nas expectativas que criaram em relação a relacionamentos futuros, se baseando nas frustrações anteriores. ReinhartKoselleck em seu texto *Futuro passado* destaca que a experiência e a expectativa como categoria de análise histórica, são tão importantes quanto às definições de espaço e tempo. Porém destaca que uma não exclui a outra, isto significa dizer que “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa.” (KOSELLECK, 2006, p. 307)

Nesse caso, considerando que as expectativas de nossas depoentes em relação a envolvimento conjugais futuros, refletem as experiências que viveram com o pai de seus filhos, durante o casamento, separação e maternidade. Koselleck (2006) define de certo modo os conceitos que utilizamos nesse momento para compreender as noções das entrevistadas.

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK, 2006, p. 309-310)

A expectativa, como ReinhartKoselleck bem coloca, é estabelecido entre dois polos, o sim e o não, o certo e o errado. Isso influencia bastante nas escolhas que os indivíduos irão fazer, tendo em vista as experiências de vida que possuíram. Nesse caso, nossas entrevistadas tiveram experiências semelhantes em relação a maternidade, e trazem imagens sob elas mesmas no que diz respeito a boa educação e criação que deram a seus filhos. “Dona Rosa”, se considera uma “boa

mãe”, destacada por Pinsky (2013) na sua obra *A era dos modelos rígidos*, já que ela se dedicou exclusivamente a vida de seus filhos, e aos afazeres de casa, até mesmo exercendo seu trabalho nas limitações de sua casa, sendo costureira.

Nessa mesma perspectiva, “Bárbara” relata que começou a se relacionar com seu atual cônjuge, por uma cobrança que sua filha lhe fazia, por querer ter uma família “de verdade”. Dessa forma, podemos entender o quanto a imagem de família “normal, verdadeira”, foi inserida na mentalidade da sociedade brasileira, sendo refletida até mesmo nas cobranças de uma criança a sua mãe, como foi o caso de “Bárbara” e sua filha.

## **2.2 Maternidade não é estado civil**

O termo mãe-solteira é atribuído às mulheres que tem/criam seus filhos sozinhas, sem a presença de um cônjuge. Certamente que a concepção é em muitos casos realizada através do ato sexual. Em outros casos, não sendo esse o das nossas depoentes, através de inseminação artificial. A maternidade solo ocorre quando o companheiro decide não reconhecer a paternidade, através de adoção e também quando um casal se separa, e os filhos tornam-se responsabilidade da mãe como de costume.

De acordo com Nascimento (2017, p. 54), “(...) ser mãe solo, às vezes, não é opcional. ” Justamente por estar sujeita a acontecimentos como o de separação em suas vidas. Quando a maternidade solo é algo escolhido pela mulher, ela conseqüentemente deve ter conhecimento das adversidades que irá encontrar no caminho como é apontado em um artigo da revista *Universa*, que:

Além de não ter com quem dividir a responsabilidade de cuidar da criança, elas também lidam com todo tipo de interferência alheia em suas vidas e acabam se comparando com outras mães, que têm companheiros presentes. (ELISE, 2019)

As responsabilidades de uma mãe, com seu filho, compreendemos que são diversas. Porém destacamos que assumir essa jornada sozinha, requer um compromisso e disciplina muito grande dessas mulheres, já que a divisão das obrigações com os filhos e com o lar não estão sendo compartilhada com mais ninguém. Dessa forma, nós entendemos que as mães solo em grande medida, não se encontram nessa conjuntura por opção, mas pode ocorrer também por a

ausência do pai ser recorrente. A escritora Cinthya Dávila, na matéria *Maternidade solo: uma realidade de mães potentes e pais ausentes* destaca uma visão errônea atribuída às mães solo, que é o termo mãe solteira.

Durante muito tempo usou-se a expressão mãe solteira para categorizar mulheres que criam seus filhos sozinhas. No entanto, de acordo com a socióloga Ana Liési, a expressão mãe solteira, associa a maternidade a estado civil, sugere falta, carência e não acolhe a pluralidade de situações que, atualmente, estão ligadas à maternidade. A psicóloga Alessandra conta que é possível encontrar mães solo casadas, separadas, viúvas, por opção, por adoção e cada uma tem sua história. (DÁVILA, Cinthya, 2019)

A autora destaca que a maternidade solo tem a característica de ser relacionada ao estado civil “solteira”, sendo que uma mulher pode se separar do pai de sua (seu) filha (o), mas nunca divorciar-se, enviudar-se, de um filho. Pois o vínculo de uma mãe com o filho, não se reduz a um período e nem tem ligação ao estado civil, tanto da mãe, quanto do filho.

É importante ressaltar que nossas depoentes não se consideram mãe-solteira, certamente porque entendem o que a sociedade atribui ao termo, o de mulher que teve experiência com a maternidade, sem ter sido casada ou pelo menos “junta” como é o caso de “Bárbara”. “Dona Rosa”, no início da nossa entrevista ela já nos deixou claro, que foi casada, e ficou só porque seu ex-marido a abandonou, e “Bárbara” também afirma ter sido “junta” e que por esse motivo não sofreu preconceitos em relação a essa colocação

Além disso o termo mãe solteira carrega um sentido de que a mãe necessita da figura masculina como uma forma de complemento. Sendo que a identidade da mulher é contraposta a do homem, sendo dois indivíduos distintos. Mas não há a necessidade de um existir em função do outro, principalmente quando citamos a família matriarcal como exemplo para essa suposição.

Mães solteiras nem de longe sofrem as discriminações que sofriam no passado, sendo que várias mulheres ariscam-se na ‘produção independente’ (engravidar propositalmente e criar o filho sem um pai por perto) para realizar o sonho de ser mãe. (PINSKY, 2013, p. 531)

Visto que contemporaneamente as mulheres se vêm com mais autonomia para realizarem atitudes como a citada no trecho citado acima. As famílias ganham outros moldes, bem como uma mãe e seus filhos, da mesma forma que há normalmente a composição de uma família com um pai e os filhos. Sem contar na

presença de parceiras (os) que não ocupam o espaço de pai, ou de mãe independente das circunstâncias.

Contudo, as novas possibilidades de constituir família, foram reconhecendo novos modelos dentro da sociedade. As mães solo fazem parte de uma das possíveis formas, ressaltando que elas se sentem “satisfeitas consigo mesma” (PINSKY, 2013, p. 529), nesse contexto. Os seus sonhos e objetivos, passam a ser priorizados, já que não precisam se colocar em terceiro plano nas realizações de suas tarefas. A formação de famílias monoparentais, com a participação da mãe e dos filhos, vem crescendo significativamente nos últimos anos, por esse motivo buscamos mostrar nesse estudo, através da análise de dois exemplos, como é configurado o cenário desse aumento das mães solo na contemporaneidade.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que os séculos XX e XXI foram marcados por grandes mudanças nos conceitos, modelos e estruturas utilizados pela sociedade. Um dos destaques desse estudo, foi explorar através das entrevistas concedidas por “Dona Rosa” e “Bárbara”, as experiências dessas mulheres com o casamento e a maternidade, incluindo a separação como um divisor de águas em suas vidas, para esclarecer como enfrentaram esse processo de ser mãe solo.

Podemos analisar que as mulheres ao longo dos anos, começaram a ocupar espaços e exercerem tarefas que antes não eram possíveis por seguirem padrões normativos que as proibiam de executarem tais atividades. O mercado de trabalho era um desses locais, por expor os corpos a um ponto não desejado por a família e companheiros também.

As nossas depoentes “Dona Rosa” e “Bárbara” foram de suma importância para analisarmos essas mudanças, e o que ainda prevalece inserido nas suas concepções através de seus discursos, durante as entrevistas.

Verificou-se que as perspectivas de vida de ambas, embora com idades distintas, são semelhantes, por fazerem parte de uma construção social definida para as mulheres. Destinando papéis a serem seguidos por elas. Porém as experiências de vida de “Dona Rosa” e de “Bárbara” revelam uma mudança no comportamento, que reflete nas escolhas e nas atitudes que elas desenvolveram ao longo de suas vidas.

Destacamos também que por nossas depoentes terem nascido e crescido em zona rural, as regras destinadas as mulheres eram mais rígidas, que as regras para mulheres de zona urbana, como se observa na bibliografia utilizada nesse estudo. Através das entrevistas, foi possível perceber que essas normas foram introduzidas, na mentalidade de muitas mulheres no século XX, de tal forma que elas reproduzem discursos que em muitos casos as coloca como culpadas, por terem feito escolhas que as beneficiassem, como é o caso de “Barbara” em ter se separado de seu cônjuge.

Frisamos ainda que as mães solo se reconhecem como verdadeiras guerreiras, por terem conseguido se desdobrar entre os afazeres domésticos feitos por elas, e pela boa educação que garantiram a seus filhos, com a ausência dos

pais, que no caso de nossas entrevistadas, não fez tanta falta como elas mesmas afirmam.

Desse modo, o século XXI configura aos poucos um novo cenário, protagonizado pelas mulheres. Mulheres – mães que decidiram adotar novas formas de se perceberem enquanto sujeitos participativos da história, que agregam fortemente valores a construção da memória coletiva de um gênero que já foi bastante sujeitado aos mandos e desmandos, seja da família, dos companheiros, da igreja ou da sociedade como um todo.

#### 4. FONTES E REFERÊNCIAS:

##### Fontes:

Bárbara. Entrevista concedida a Wandisléia Lindalva da Silva. Picos, Piauí. 18 outubro. 2019.

Dona Rosa. Entrevista concedida a Wandisléia Lindalva da Silva. Santa Cruz do Piauí. 20 outubro. 2019.

IBGE. **Proporção de famílias com mulheres responsáveis pela família.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-15,-16,-17,-18,128,129&ind=4704>. Acesso em: 22 nov. 2020

IPEA. **Famílias chefiadas por mulheres, segundo cor/raça da chefe de família e localização do domicílio - Brasil e Regiões, 1995 a 2015.** Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_chefia\\_familia.html](https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html). Acesso em: 24 nov. 2020

##### Referências:

ABRANTES, Elizabeth Sousa. **O dote é a moça educada:** mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BARBOSA, Marina; PHELIPE, André. Quase metade dos lares brasileiros são sustentados por mulheres. **Estado de Minas.** 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas\\_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-pormulheres.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-pormulheres.shtml). Acesso em: 02 dez. 2020.

BRASIL. Código Civil dos Estados Unidos. **LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23 dez. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo.**A Experiência Vivida. Vol.2: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)** Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI. **Dimensões**, v. 36, p. 31-54, jan-jul. 2016.

- CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)**. Dissertação (Pós-Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**. Teresina: Edições Bagaço, 2005.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009, pp. 196-226.
- CHAVES, Gláucia. Maternidade solo. **Correio Braziliense**. 2011. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2011/07/01/interna\\_revista\\_correio,259360/maternidade-solo.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2011/07/01/interna_revista_correio,259360/maternidade-solo.shtml). Acesso em: 28 dez. 2020.
- DÁVILA, Cinthya. Maternidade solo: uma realidade de mães potentes e pais ausentes. **Minha vida**, 2019. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/familia/materias/34706-maternidade-solo-uma-realidade-de-maes-potentes-e-pais-ausentes>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DIEESE. **A mulher chefe de domicílio e a inserção feminina no mercado de trabalho**. Edição especial Dia Internacional da Mulher, mar. 2004.
- ELISE, Jacqueline. "Cadê o pai?": mães solo relatam constrangimentos até na maternidade. **UOL**, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/01/31/cade-o-pai-a-tristeza-das-maes-solo-entre-casais-felizes.htm>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina, Costa. **Os lutos da mulher diante a infidelidade conjugal**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GODINHO, Tatau. Democracia e política no cotidiano das mulheres brasileiras. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. **A mulher Brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, pp.149-159.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

- MOURA, Larice Íris Marinho. **Entre Regras e transgressões: corpo e a sexualidade feminina em Picos nas décadas de 1960 e 1970.** Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Piauí, Picos/PI, 2014.
- NASCIMENTO, Paulo Henrique Luz do. **Religião e Gênero: a marginalização da mãe solteira no bairro Morro da Macambira (1997-2013)** Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Piauí, Picos/PI, 2017.
- NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- OLIVEIRA, Maria Engel. **ORKUT: o impacto da realidade da infidelidade virtual.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.
- OLIVEIRA, Ronisson de Souza de. Mães solteiras e a ausência do pai: questão histórica e novos dilemas. **Revista Elaborar**, Amazônia, vol. 2, ano 3, n. 1, p. 79-91, 2015.
- PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres:** relato de uma experiência. Cadernos Pagu: 1995, pp. 9-28.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: \_\_\_\_\_PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, p. 469-512, 2013.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: \_\_\_\_\_PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, p. 513-543, 2013.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992.
- REIS, Vania Teresa Moura. **Jovens pais e jovens mães: experiências em camadas populares.** São Paulo: PUC, 2004. (Tese de doutoramento – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – 2016)
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SOUZA, Eliene Maria Alves de. **Do casamento à separação: Vivência de mulheres separadas na cidade de Picos – PI (1980 – 2013).** Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Piauí, Picos/PI, 2014.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivo**. Brasília/DF: Carpe Diem, 2018.

## 5. ANEXOS

### Roteiro de entrevista

Nome:

Pai:

Mãe:

Data de nascimento:

Cidade de origem:

Data da entrevista:

História de vida:

Origem social, familiar:

Formação educacional:

- 1- Como conheceram o namorado ou marido pai dos filhos da maternidade solo?
- 2- E como era o relacionamento do casal?
- 3- Como era a personalidade do namorado, como vivia e trabalhava?
- 4- Quais eram as normas e padrões culturais para o sexo feminino na época?
- 5- Se elas sentem que de alguma forma elas romperam com as normas prescritas para o sexo feminino?
- 6- O que esperavam desses companheiros e relacionamentos?
- 7- Essas expectativas se realizaram ou foram frustradas? Por que?
- 8- Considera que a sociedade prescrevia papéis diferentes para homens e mulheres na família e na sociedade. Por que?
- 9- Você sofreu preconceitos após a separação, em relação a ser mãe solteira?
- 10- Se sim, quais foram os principais preconceitos dirigidos a você durante a gravidez/maternidade?
- 11- Sua juventude foi interrompida com as responsabilidades que a gravidez traz consigo?
- 12- Com qual ajuda contou para lhe auxiliar na educação/criação de seu (s) filho (s)?
- 13- A gravidez era algo desejado por você e seu companheiro?



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

### Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese
- ( ) Dissertação
- ( X ) Monografia
- ( ) Artigo

Eu, **Wandisléia Lindalva da Silva**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **MÃES SOLO: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DA COMUNIDADE SALINAS EM SANTA CRUZ DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XX, AO INÍCIO DO SÉCULO XXI** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 17 de Maio de 2021

Assinatura manuscrita de Wandisléia Lindalva da Silva em tinta azul sobre uma linha horizontal.

Assinatura

Assinatura manuscrita de Wandisléia Lindalva da Silva em tinta azul sobre uma linha horizontal.

Assinatura